

25.

SEGREDO DE POLICHINELO

Paralelo ao *habitus*, mas que se emula com ele, um aspecto secundário que também pudemos observar em nossas investigações e nos pareceu ser circunstância determinante do declínio das escolas, da crise da crença, foi a constituição de um corpo acadêmico eclético, composto por profissionais de diferentes procedências. Como o Campo do Design é recente, a formação dos quadros docentes foi sendo montada dessa maneira, daí essa impressão de interdisciplinaridade que impera no meio acadêmico do design e dificulta imensamente a constituição de um *corpus* teórico definido. Os procedentes de outras formações teóricas não possuem o mesmo *habitus* que a prática do design enseja, daí termos “intrusões” vindas do campo da pedagogia, da comunicação, de letras, da psicologia, da história da arte e de outras tantas disciplinas, que em lugar de colaborar para a união, são um desafio constante à produção de uma unidade entre os pares.

Também por conta do *habitus*, a constituição de um quadro docente mais graduado em relação aos professores precários, ao menos no caso da PUC-Rio, se formou basicamente pela transformação de professores “horistas” em professores plenos. O processo foi presidido maioritariamente por razões de natureza relacional¹¹⁴, na medida em que os pares possuíam capital social, ou seja, possuíam um bom caderninho de telefones, para serem chamados e, ao mesmo tempo, por que houve um pro-

114 O termo relacional aqui significa relações de amizade e compadrio.

jeto objetivo para a criação de uma pós-graduação na área e todos pares precisavam obter títulos universitários, mas como não havia titulação nessa área do conhecimento, montou-se esse conjunto eclético que, por incrível que pareça, passou a andar sozinho. O segredo de polichinelo, que também faz parte da crença, assevera que os docentes possuem os méritos necessários para exercerem seus trabalhos e mais, que possuem os meios mais aperfeiçoados para recrutar novos professores para os quadros do magistério, basicamente calcado no mérito ou excelência dos candidatos. Mais uma vez tenho que ser antipático e afirmar que a coisa não é bem assim. Na verdade, vejo que no Campo do Design, mas não apenas nele, possuir capital social, sem possuir capital cultural, pode ser fator de acesso à carreira, raramente se dá o contrário.

Ainda nessa linha de pensamento que certamente provocará repúdio dos meus pares, mas lembrando que não estou fazendo juízo de ninguém em particular, para operarem a manutenção da crença, os agentes detentores do monopólio da crença se aproveitam dos seus oblatos bestializados¹¹⁵, isto é, normalmente se apoiam nos seus escravos brancos, nos nossos queridos alunos e naquilo que chamaríamos “riso dos imbecis” em lugar do sorriso da razão. De boca aberta e olhos apertados, ouvem, fingem entender, sorriem solidariamente. Enfim, desses coitados que acompanham fervorosamente as transformações que estão ocorrendo, mas que não as produzem. E dos seus pais, ou daqueles que são responsáveis pelos recursos financeiros que os mantêm nas escolas. Pais e filhos são partícipes do mesmo *habitus* pequeno-burguês e com aspirações de ascensão social, de modo que não percebem claramente a crise da crença, pois os agentes da recepção normalmente não participam das revoluções internas nas escolas, mas as legitimam. Em geral os pais¹¹⁶ são conservadores, ignoram e praticamente são indiferentes ao que está acontecendo dentro das escolas. Normalmente acreditam em seus filhos, ou na crença que seus filhos e filhas acreditam.

115 CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

116 Eu os classifico como pertencentes à categoria da recepção.

De modo geral, as escolas de design, tal como a PUC-Rio, são estruturas independentes e fechadas dentro de outra estrutura fechada e independente, a Universidade. Assim, um Departamento de Artes e Design possui grande liberdade para a manutenção do monopólio da crença. Ademais, como ele é relativamente mais antigo em relação às escolas mais recentes – penso que o mesmo ocorre em outros estados país afora –, e ainda possui programa de pós-graduação *stricto sensu*, de mestrado e de doutorado, pode cobrar simbolicamente dos alunos mais severamente pelo direito de entrada e de saída.

Aquilo que acontece no mercado só vai atingir o Departamento indireta e muito lentamente, portanto, se o mercado vai mal das pernas e não há empregos para designers, esse fato não se reflete imediatamente nos bancos escolares. Por exemplo, no início de 2016, no meio de uma gigantesca crise política e econômica brasileira, a PUC-Rio possuía aproximadamente 1300 alunos na graduação e 100 na pós-graduação (mestrado e doutorado). Esse fato foi celebrado como mérito dos ensinamentos ministrados e força do curso e da Universidade no país. Parece-me óbvio que não há mercado de trabalho no Rio de Janeiro e talvez no Brasil inteiro para esse número de profissionais que está sendo preparado para trabalhar. Pergunto-me, então, se ninguém pensa no dia de amanhã ou que tipo de preparo será necessário para poder trabalhar quando os estudos terminarem.

Porém, há uma consolação em relação aos nossos pobres coitados alunos¹¹⁷, uma instituição começa a perder o pé quando os agentes que detêm o monopólio da crença não percebem que a crença começa a ser contestada exatamente por seus alunos mais críticos, e posso afirmar que eles são muitos. Por conta dessa ameaçadora percepção, os guardiões da doxa principiam a endurecer os procedimentos de produção da sua legitimidade. Os mitos que pregavam são sistematizados e cobrados mais amiúde, daí uma espécie de esclerose ou burocratização das “verdades” defendidas. Os docentes vão para as salas de aula e o controle dos alunos

117 No meu grupo de estudos, jocosa e carinhosamente, costumo chamá-los de almas penadas, pois ficam vagando pelo campus pedindo orações – reforço da crença – aos vivos para obterem redenção.

fica muito maior, presidido por uma atmosfera de ansiedade e competição permanente. Entre os docentes verificam-se ações muitas vezes percebidas pelos alunos como absurdas, mas eles continuam afirmando que são educativas.

Nas reuniões acadêmicas dos professores, reuniões de planejamento, pensam e propõem a redefinição da “missão” dos pares, que os pares precisam “vestir a camisa”, minúsculas ou gigantescas propostas de modificação nos currículos, na destituição de sentido dos julgamentos das defecções que ocorrem entre os pares e das absurdidades teóricas que passam a cobrar como sendo coisas extremamente importantes. Lamento, não gostaria de generalizar essas críticas, mas sinto-me impedido de nomeá-las integralmente por uma questão de ética profissional, contudo, conforme afirmei mais acima, trata-se de um segredo de polichinelo. Penso que no futuro alguém poderá escrever sobre isso mais amiúde. Portanto, como lenitivo podemos notar também reações dos alunos mais críticos, que exigem ensino de qualidade, assim como podemos observar um incremento das respostas em ricochete, demagógicas e conservadoras, por parte dos docentes responsáveis.

Outra circunstância que pode ser observada e que aparece como ameaçadora à manutenção do monopólio da crença, é o surgimento de novas escolas paralelas, curso livres ou regulares na área do design. Como o número dessas escolas se multiplica, o número de alunos também se multiplica e daí o número de “pretendentes” começa a ameaçar o número de “dominantes”¹¹⁸ – os guardiões da doxa – no mesmo campo. Os pretendentes produzem para si mesmos inúmeras posições fluidas, com fronteiras mal definidas, reivindicando ingresso ao mundo do design¹¹⁹ e

118 *Pretendentes e dominantes* são termos empregados por Bourdieu. Ver BOURDIEU, Pierre. *La production de la croyance*. *Op. cit.*

119 O termo “mundo do design” não deve ser confundido com o termo Campo do Design. O termo “mundo do design” é uma alusão à Howard S. Becker (BECKER, Howard, S. **Mundos da Arte**. Tradução Luís San Payo. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.), que entendia isso que Bourdieu chamou de “campo”, um espaço de disputas entres os agentes. Diferentemente, Becker o entendia como um espaço social de colaboração. Aliás, nessa edição, comemorativa do 25º aniversário da primeira edição, foi publicada uma entrevista interessantíssima entre Becker e Alain Pessin, exatamente sobre essa importante distinção.

ao monopólio dos pares dominantes sem possuírem a legitimidade do capital simbólico fornecido pelas escolas mães¹²⁰, e assim criam para si mesmos critérios de baixa qualidade *vis-à-vis* aos produzidos pelos dominantes, que embora sejam igualmente burocráticos e legiferantes, reforçam uma crença de baixo clero da categoria, criando uma *intelligentsia* paralela que se qualifica a si mesma, contudo mais medíocre ainda do que a anterior. Esse baixo clero da categoria, ou o proletariado do design que aludimos mais acima, incerto e instável em relação ao que lhe acontecerá nos dias vindouros, passa a ser uma ameaça concreta para os cursos mais antigos, até porque, como dissemos, a formação técnica dos antigos também é de baixa qualidade.

O aumento do número de alunos não é uma circunstância por si só responsável pela crise do monopólio da crença e pelas transformações que se avizinham. Embora haja uma grande demanda de produção industrial, e ela tenha se transformado em produção simbólica e não mais em produção industrial, o emprego das novas tecnologias também influenciou profundamente as escolas, mas os docentes não estão sabendo muito bem como lidar com elas. Os saberes de outrora, extremamente válidos, tal como desenhar, possuir uma sólida cultura literária sobre as próprias práticas criativas (a arte, a música, história em quadrinhos, cinema, mobiliário, o teatro etc.) e as demais literaturas, assim como saber se expressar escrevendo, enfim, possuir uma consistente cultura geral, são tidos como anacrônicos pelos pares, que mencionam práticas ou vagos saberes interdisciplinares ou transdisciplinares, técnicas de empreendedorismo, *design thinking* ou simplesmente que os alunos deveriam abandoná-las todas e de um vez só, sentando-se diante das telas dos computadores, e se dedicarem apenas a escovar *bites*, mas essas denominadas novas ações para manutenção da crença denotam claramente a falta de rumo ou desorientação. Atenção, não estamos defendendo a volta ao tempo das caravelas, mas tentando entender que as antigas práticas são fundamentais para que as novas ocorram. Negá-las é simplesmente uma asneira de todo tamanho.

120 As escolas mães são as escolas mais antigas. Posto que mais antigas, elas fornecem um certificado simbólico de maior importância, por assim dizer, em relação às mais recentes.

Pierre Bourdieu¹²¹ já tinha nos ensinado que o sistema escolar contribui para reprodução das distâncias sociais e, com isso, colabora de maneira determinante para a perpetuação das diferenças sociais. Isto é, as instituições de ensino intensificam a concorrência dos pares entre si, portanto, reforçam o individualismo e o salve-se quem puder. Penso que já está na hora de começarmos a pensar fora dessas noções formalistas ou de considerar que os incrementos do uso de tecnologias digitais salvarão o planeta e, nesse contexto, os designers e os cursos de design.

Ora, aquilo que estamos tentando explicar, é que o que estamos vendo hoje no campo são os efeitos desse *habitus*, isto é, uma disposição perversa e elitista que vem sendo implantada e reproduzida sistematicamente e as pessoas não se apercebem ou ignoram que estão fazendo parte desse processo, justamente por conta dessa indiferença *blasé* de que o design é uma “atividade” ou um “fazer” presidido pela gratuidade da ação projetual.

121 BOURDIEU, Pierre et PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction*. Paris: Minit, 1970.

FONTE *Plantin 11/ 15*
PAPEL *Off-set 90gr. E Cartão 250gr.*

JULHO DE 2017.